



# A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2

Juliano Del Gobo  
(Organizador)

 **Atena**  
Editora

Ano 2018

Juliano Del Gobo

(Organizador)

# **A Psicologia Frente ao Contexto Contemporâneo 2**

Atena Editora  
2018

2018 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Geraldo Alves e Natália Sandrini

Revisão: Os autores

#### Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas  
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília  
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa  
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná  
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista  
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia  
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná  
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul  
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria  
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná  
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia  
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice  
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul  
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense  
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul  
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins  
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte  
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão  
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará  
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista  
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará  
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas  
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande  
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa  
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

#### Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P974 A psicologia frente ao contexto contemporâneo 2 [recurso eletrônico]  
/ Organizador Juliano Del Gobo. – Ponta Grossa (PR): Atena  
Editora, 2018. – (A Psicologia Frente ao Contexto  
Contemporâneo; v. 2)

Formato: PDF  
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader  
Modo de acesso: World Wide Web  
Inclui bibliografia  
ISBN 978-85-7247-017-9  
DOI 10.22533/at.ed.179181912

1. Psicologia. 2. Psicologia e sociedade. 3. Pessoas – Aspectos  
sociais. I. Gobo, Juliano Del. II. Série.

CDD 150

**Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422**

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de  
responsabilidade exclusiva dos autores.

2018

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos  
autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

[www.atenaeditora.com.br](http://www.atenaeditora.com.br)

## APRESENTAÇÃO

O termo psicologia deriva da união das palavras gregas “psiché” e “logos”, traduzidas como o estudo da alma, mas apesar de suas origens terem raízes tão antigas como as primeiras hipóteses e teorias sobre o funcionamento psicológico. Ao longo de sua história, a psicologia esteve situada no campo da metafísica, em torno de interesses relacionados à essência do ser humano, a partir de questões como O que é a alma e onde ela está? O que possuímos ao nascer? Como conhecemos? Qual é a natureza humana?

Sua identidade atual é muito mais recente e nasceu em meio a ebulição científica na Europa do século XIX, tendo sido preciso se reinventar para atender aos critérios de cientificidade daquele tempo histórico e se constituir como ciência independente. A ciência nascida na Europa do século XIX ao desembarcar nos EUA do século XX foi demandada a torna-se um campo aplicado, onde passa a assumir um lugar social a partir de práticas psicológicas.

A partir do momento em que um conjunto de teorias e práticas vão sendo reconhecidas pelo corpo ampliado dos sujeitos que convivem em determinado tempo e cultivam de mesmos costumes, elas passam a influenciar as formas de reprodução da vida, pois tornam-se parte da cultura. Discutir a Psicologia como produto e matéria-prima da Cultura humana é reconhecê-la a partir de duas importantes características: a diversidade de suas produções e sua origem e continuidade histórica, refletindo a relação dialética entre as demandas e necessidades do conjunto ampliado da sociedade em dado tempo histórico.

Nesta obra, a consciência histórica da Psicologia é cobrada na qualidade ou condição de ser contemporânea, isto é no desafio de se reconhecer como parte da construção de seu próprio tempo histórico, a partir de reflexões e produções teóricas e práticas que abordam questões históricas, mas que se tornam emergentes na medida que nosso tempo histórico ousa enfrentá-las. Uma obra como essa é sempre muito importante porque traz ao centro do debate sobre a vida coletiva em sociedade e a concretude das condições de vida dos sujeitos, as quais são objeto de abordagem e análise. Em resumo, trata-se de introduzir uma discussão histórica, sociológica e filosófica a respeito do mundo que vivemos, das formas dominantes de existir no mundo e de como as PsicoLOGIAS contemporâneas são modos de tomar partido em relação às situações da vida cotidiana (FIGUEIREDO, 2015, p.30).

Dentro deste livro, estão contidas produções necessárias ao contexto contemporâneo, produções com posicionamento ético e também político diante de uma grande diversidade de temas e abordagens realizadas pelos autores. Assim, a diversidade de temas que o leitor encontrará nessa obra se une na medida que os debates estão sempre permeados pela posição ética e pela consciência de que a Psicologia tem responsabilidade com seu tempo histórico e com a vida coletiva.

Como a história segue seu próprio curso e qualquer tentativa de controle e previsão

sobre ela se mostram limitados, é necessário antes de tudo assimilar a contribuição importante do campo teórico e político da psicologia social, a qual revela que não há neutralidade na ciência e na prática da psicologia, uma vez que ela ou fornece elementos para a manutenção da estrutura social vigente ou para a transformação no modo de vida e da maneira de conceber os diferentes sujeitos na sociedade.

Desejemos aos leitores que desfrutem dessa obra e se deixem inundar com a profundidade dos artigos que seguem.

Juliano Del Gobo

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>CAPÍTULO 1</b> .....   | <b>1</b>  |
| A TOXICOMANIA COMO EFEITO PARADOXAL DO DISCURSO CAPITALISTA   |           |
| <i>Luma de Oliveira</i>   |           |
| <i>João Luiz Leitão Paravidini</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819121</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 2</b> .....   | <b>12</b> |
| PERCEPÇÃO DOS FAMILIARES SOBRE SUA PARTICIPAÇÃO NO DESENVOLVIMENTO DA DEPENDÊNCIA QUÍMICA E NO TRATAMENTO E RECUPERAÇÃO |           |
| <i>Suzel Alves Goulart</i>  |           |
| <i>Cibele Alves Chapadeiro</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819122</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 3</b> .....   | <b>25</b> |
| PARTICIPAÇÃO POLÍTICA NA ERA INFORMACIONAL  |           |
| <i>Pedro Cardoso Alves</i>  |           |
| <i>Ana Lúcia Galinkin</i>   |           |
| <i>José Carlos Ribeiro</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819123</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 4</b> .....   | <b>44</b> |
| A TEORIA PROSPECTIVA E SUA INFLUÊNCIA NO PROCESSO DE TOMADA DE DECISÕES FINANCEIRAS                                     |           |
| <i>Carolina Leão Giollo</i>   |           |
| <i>Ricardo de Queiroz Machado</i>   |           |
| <i>Edilei Rodrigues de Lames</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819124</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 5</b> .....   | <b>61</b> |
| ASSIMETRIAS NA APRENDIZAGEM VERIFICADAS NA AVALIAÇÃO DO PISA SOB A ÓTICA DE GÊNERO: UMA REFLEXÃO CRÍTICA                |           |
| <i>Magner Miranda de Souza</i>  |           |
| <i>Cláudio Educado Resende Alves</i>  |           |
| <i>Maria Ignez Costa Moreira</i>  |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819125</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 6</b> .....   | <b>76</b> |
| REGRAS EMOCIONAIS: UM ESTUDO CORRELACIONAL COM TRABALHO EMOCIONAL E BURNOUT ENTRE TRABALHADORES EM SAÚDE                |           |
| <i>Rui Maia Diamantino</i>  |           |
| <i>Laila de Carvalho Vasconcelos</i>  |           |
| <i>Rosemilly Rafele Santos da Silva</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819126</b>  |           |
| <b>CAPÍTULO 7</b> .....   | <b>97</b> |
| PSICOLOGIA CRÍTICA E ESTÁGIO EM POLÍTICAS PÚBLICAS – UM FAZERRESISTENTE   |           |
| <i>Giulia Ribeiro Limongi</i>   |           |
| <i>Kueyla de Andrade Bitencourt</i>   |           |
| <b>DOI 10.22533/at.ed.1791819127</b>  |           |

**CAPÍTULO 8 ..... 100**

COMPROMISSO SOCIAL DA PSICOLOGIA E A EVASÃO ESCOLAR DA ADOLESCENTE-MÃE NA EDUCAÇÃO BÁSICA DO MUNICÍPIO DE LADÁRIO-MS

*Sandra Regina Rocha de Lima*  
*Cláudia Elizabete da Costa Moraes Mondini*

**DOI 10.22533/at.ed.1791819128**

**CAPÍTULO 9 ..... 124**

O DESENVOLVIMENTO DO PODER DE AGIR EM PROFISSIONAIS DO PROGRAMA CONSULTÓRIO NA RUA: CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

*Daniel Rangel Curvo*  
*Francinaldo Do Monte Pinto*

**DOI 10.22533/at.ed.1791819129**

**CAPÍTULO 10 ..... 139**

PRODUÇÃO DE SAÚDE E PARTICIPAÇÃO COM USUÁRIOS DE UM CENTRO DE ATENÇÃO PSICOSSOCIAL INFANTO-JUVENIL

*Luciana Vieira Caliman*  
*Janaína Mariano César*  
*Victoria Bragatto Rangel Pianca*  
*Alana Araújo Corrêa Simões*  
*Anita Nogueira Fernandes*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191210**

**CAPÍTULO 11 ..... 150**

DESAFIOS DA ATUAÇÃO DE PSICÓLOGOS (AS) NA ATENÇÃO A PESSOAS COM IDEAÇÃO E/OU TENTATIVA DE SUICÍDIO

*Priscila Moura*  
*Maria Lucia Pereira*  
*Flávia Sallum*  
*Alessandra Viana*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191211**

**CAPÍTULO 12 ..... 159**

OFICINA PSICOSSOCIAL COMO PRÁTICA DE PREVENÇÃO AO ABUSO SEXUAL CONTRA CRIANÇAS E ADOLESCENTES

*Claudenilde Lopes dos Santos*  
*Gabriel William Lopes*  
*Amailson Sandro de Barros*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191212**

**CAPÍTULO 13 ..... 170**

ADOLESCENTES ACOLHIDAS E SEUS AFETOS: O QUE TEMOS COM ISSO?

*Laura Ferreira Lago*  
*Eduardo Augusto Tomanik*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191213**

**CAPÍTULO 14 ..... 181**

O PROJETO AVANÇO DO JOVEM NA APRENDIZAGEM E A REALIDADE DOCENTE

*Maicon Alves Garcia*  
*Aldenor Batista da Silva Junior*  
*Sonia da Cunha Urt*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191214**

**CAPÍTULO 15..... 196**

QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATAVENTOS

*Ricardo André Cecchin*

*Rosemarie Gartner Tschiedel*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191215**

**CAPÍTULO 16..... 212**

O COLETIVO UERJ NAS SUAS MÚLTIPLAS REDES DE (RES)EXISTÊNCIA

*Ulisses Heckmaier de Paula Cataldo*

*Iaponira Oliveira dos Santos*

*Ana Carolina Areias Nicolau Siqueira*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191216**

**CAPÍTULO 17 ..... 224**

SCHADENFREUDE E ESTEREÓTIPOS: OS LIMITES ENTRE ENDO E EXOGRUPOS

*Ícaro Cerqueira*

*Marianne Cunha*

*Saulo Almeida*

*Vanessa Andrade*

**DOI 10.22533/at.ed.17918191217**

**SOBRE O ORGANIZADOR ..... 232**

## QUANDO TRABALHAR É BRINCAR JUNTO: RECORTES DE UMA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA CASA DOS CATA-VENTOS

**Ricardo André Cecchin**

UFRGS, PPG em Psicologia Social e Institucional  
Porto Alegre-RS

**Rosemarie Gartner Tschiedel**

UFRGS, PPG em Psicologia Social e Institucional  
Porto Alegre-RS

**RESUMO:** Neste artigo são apresentadas produções de uma pesquisa-intervenção com a Casa dos Cata-Ventos, projeto de extensão universitária do Departamento de Psicanálise da UFRGS. Esta casa, localizada na Vila São Pedro, em Porto Alegre - RS, acolhe crianças e adolescentes para brincarem e conversarem com os adultos, principalmente profissionais e estagiários de psicologia, durante alguns turnos na semana. A aposta desse dispositivo é que, a partir do uso da palavra, seja possível elaborar coletivamente as questões que atravessam suas vidas. Nesta pesquisa, com um acordo de parceria, o pesquisador trabalhou junto da equipe por mais de um ano e registrou a experiência em um diário de bordo. Também foi realizado o acompanhamento terapêutico da mãe de três crianças frequentadoras da Casa. Com uma metodologia cartográfica, a produção de conhecimento acontece no encontro com o campo de pesquisa, articulando impressões e análises com as ferramentas conceituais da Análise Institucional e da Filosofia da Diferença.

O desenho construído com as forças presentes no contexto precisou ser dividido a partir de alguns analisadores do processo, os quais se chamou de recortes. Como um material clínico, esses analisadores foram capazes de multiplicar algumas perspectivas e deslocar outras. O relevo dado pela atenção do pesquisador a algumas questões exigiu uma análise de implicação. Como quando se constrói um par de óculos de papel em uma brincadeira, a principal produção não está no final, mas está no processo de fazer junto.

**PALAVRAS-CHAVE:** Clínica. Brincar. Cartografia. Acompanhamento Terapêutico.

**ABSTRACT:** This essay presents productions of an intervention research in the Casa dos Cata-Ventos, an university extension project of the Department of Psychoanalysis of UFRGS. This house, located in Vila São Pedro, in Porto Alegre - RS, welcomes children and adolescents to play and talk with adults, mainly professionals and psychology trainees, in some shifts during the week. The bet of this project is that, from the use of the word, it is possible to elaborate collectively the issues that cross their lives. In this research, with a partnership agreement, the researcher worked with the team for over a year and recorded the experience in a logbook. Therapeutic follow-up was also carried out to a mother of three children who were attended by

Casa dos Cata-Ventos. With a cartographic methodology, the production of knowledge happens in the meeting with the field of research, articulating impressions and analyzes with the conceptual tools of the institutional analysis and the Philosophy of Difference. The drawing constructed with the forces present in the context had to be divided from some process analyzers, which were called clippings. As a clinical material, these analyzers were able to multiply some perspectives and displace others. The emphasis given by the researcher's attention to some questions required an analysis of implication. Like when building a pair of paper glasses in a joke, the main production is not in the end, but it is in the process of doing together.

**KEYWORDS:** Clinic. Playing. Cartography. Therapeutic follow-up.

## 1 | TRAÇADO

Este artigo se origina da dissertação de mestrado intitulada “Quando trabalhar é brincar junto: recortes de uma pesquisa-intervenção na Casa dos Cata-Ventos”. Fazendo uso de uma metodologia cartográfica esta pesquisa foi desenvolvida na Casa dos Cata-Ventos, um projeto de extensão da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) em parceria com o Instituto APPOA, da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. A proposta é de um trabalho com a comunidade da Vila São Pedro, em Porto Alegre, em especial, com crianças e adolescentes. O desrespeito aos direitos e à cidadania de seus moradores chama a atenção pela naturalidade com que a cidade lida com suas próprias exclusões. O projeto da Casa para poder brincar e conversar, entre outros interesses, também se configura como um dispositivo estratégico de fazer a cidade ver suas produções de indiferença social. A Casa conta com uma metodologia de trabalho e uma ética clínica que compreendem o brincar como atividade terapêutica em si, a palavra como substituta da violência e que é importante que as crianças digam algo da vida que se vive ali.

A localização geográfica da Vila, a quatro quilômetros do centro da cidade, também favorece muito o comércio de substâncias psicoativas ilícitas. Às margens da grande Avenida Ipiranga, o acesso de consumidores é fácil e intenso. Não obstante, tal panorama torna o ponto bastante visado por facções rivais e deixa os moradores da Vila em uma relação de vulnerabilidade ao poder de um tráfico externo e à truculência da polícia militar (PEDROSO, 2013).

As histórias de crianças da Vila São Pedro parecem não interessar a muita gente, e é na Casa dos Cata-Ventos que elas podem ser escutadas. Ao brincar lá, muitas histórias são contadas, repetidas e inventadas. Esse material está sendo elaborado e registrado em alguns trabalhos de conclusão de curso dos estagiários, e também está disponível em algumas dissertações de mestrado publicadas a partir de pesquisas de psicólogos e psicólogas da Casa (PEDROZZO, 2013; KESSLER, 2017; RODRIGUES, 2017; ROCHA, 2018).

Na Vila São Pedro, as crianças habitam as ruas cotidianamente e sabem em quais turnos encontrarão a Casa aberta, com pessoas de plantão para brincar e conversar. A Casa dos Cata-Ventos surge ali como experimentação e com uma declarada inspiração no trabalho da Casa da Árvore no Rio de Janeiro (LIMA, 2010) e na Maison Verte, de François Dolto, em Paris. Ela propõe um espaço de escuta por meio do brincar e do conversar, para crianças de até onze anos, apostando que o brincar é, por si só, terapêutico, pela sua potência de produzir efeitos estruturantes e organizadores (GAGEIRO; TAVARES; ALMEIDA; TOROSSIAN, 2015). Diversificando sua atuação, este projeto acolheu outro, de contação de histórias, uma vez por semana. Posteriormente, instituíram-se uma oficina de capoeira, atividades voltadas ao letramento e outra para seus egressos adolescentes.

Para esta pesquisa, estabeleceu-se uma parceria com a coordenação do projeto, de tal modo que o pesquisador trabalhou com a equipe nos turnos de brincadeira, sustentando uma cartografia como pesquisa-intervenção. No decorrer dessa trajetória de mais de um ano, que acompanhou o percurso do mestrado acadêmico, outras atividades foram incluídas como campo da pesquisa-intervenção. A saber, um trabalho de acompanhamento terapêutico (AT) com uma mãe que tem suas filhas como frequentadoras da Casa e, também, ações pontuais na construção de elos na rede institucional do projeto, como reuniões com a escola, com o Centro Integrado de Atenção Psicossocial (CIAPS) e com a creche comunitária.

## 2 | DESENHO

Na tragédia de Sófocles, *O Édipo Rei*, a verdade foi descoberta pelo protagonista quando passou a seguir indícios, pistas, referências e marcas que estavam em seu caminho. Essa peça, como uma metáfora médico-judiciária, narra a operação de Édipo nos jogos de saber-poder, quando veio salvar a cidade da ameaça da peste. Essa arte de descobrir edipiana, que transforma aquele que não sabe, naquele que sabe, evidencia um aspecto importante desse modo de operação da verdade: é ele mesmo quem resolve a questão, sem confiar em mais ninguém, é o próprio Édipo que vai manifestar a verdade, que se tornará o Senhor da Verdade. Conquanto, no duplo sentido da palavra 'sujeito', sujeito numa relação de poder e sujeito numa relação de saber, fazer uma análise das relações entre Sujeito do conhecimento e Poder apresenta-se muito mais como atitude do que como tese. Tal atitude não consistiria em estabelecer e fixar o conjunto de posições nas quais o sujeito se mantém em um dado sistema, mas desenhar o vestígio dos movimentos, os pontos de passagem em que cada deslocamento pode modificar, não o conjunto da curva, mas pelo menos a maneira como podemos lê-la (FOUCAULT, 2014).

Essa questão epistemológica, sobre qual produção de conhecimento pode ser

estratégica quanto aos seus possíveis usos (Para que(m)? Contra quem? Como?), escorrega para uma questão estética e política, a saber: como mudar o modo de ler este conhecimento? Como deslocar de si mesmo, enquanto pesquisador, os constrangimentos dos regimes de verdade que impelem essa vontade de saber edipiana a excluir os saberes minoritários?

Ao que essas reflexões parecem indicar, pode-se ousar numa afirmação: de que o conhecimento tem valor enquanto produtor de transformação, de deslocamentos e de desvios. O ato de conhecer e produzir conhecimento teria, assim, como pano de fundo ético, um *modus operandi* semelhante ao ato clínico, no sentido de *Clinâmen*, ou seja, de produzir desvios nos sujeitos envolvidos (BENEVIDES DE BARROS; PASSOS, 2001).

A clínica, que historicamente vem sendo associada a práticas curativas, comumente é associada à matriz etimológica *clino*, que se refere ao movimento de inclinar-se, debruçar-se. Desse viés, o paciente espera, em seu leito, uma cura, uma ação que lhe tire o incômodo da posição em que se encontra. Da mesma forma que o Édipo rei, o que se espera é uma confissão daquele que pacientemente espera, que seu corpo fale os signos de sua ignorância e que, em troca, receba a redenção. A partir de uma leitura deleuziana, a clínica pode ser entendida em um outro sentido, ligado ao conceito de *clinâmen*, cuja leitura não diz de uma fixidez, repouso ou passividade, mas nos conduz ao movimento de produção do diverso. A clínica, dessa forma, implica em uma aposta, uma investida no indefinido e no imprevisível trágico das intervenções (ROOS; MARASCHIN; COSTA, 2015).

Assim como uma clínica pode deslocar ou cristalizar lugares e referências, o conhecimento produzido também pode vir a promover desvios de verdades tomadas como inexoráveis ou colaborar e corroborar com os estratos estruturais e instituídos. Por isso, essa pesquisa-intervenção tem como pista metodológica uma atenção à espreita, que visa a acompanhar processos, ao invés de representar objetos (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2010).

Esta cartografia é produzida de dentro da experiência coletiva da Casa dos Cata-Ventos. A participação nos turnos de brincadeiras na Casa, o acompanhamento terapêutico de uma família e as reuniões semanais de equipe para supervisão clínica, tudo isso, vivenciado por cerca de um ano, compõe o campo de intervenção desta pesquisa. A escolha por um método cartográfico implica em habitar um território existencial e construir metas no próprio caminho da pesquisa (PASSOS; KASTRUP; DA ESCÓSSIA, 2010). Ou seja, muito material foi produzido e potencialmente pode ser transformado em dado de pesquisa a partir de recortes, com diferentes aberturas e potenciais de análise, problematização e restituição. Ou, ainda, dizendo de outro modo, pela Análise Institucional, esses recortes se apresentam como analisadores do processo de pesquisa e intervenção.

Analisador, de acordo com o referencial da Análise Institucional, é um conceito que se refere a pistas que levam a possibilidades de interpretação, mas principalmente à construção de sentidos no campo de pesquisa e intervenção; de forma semelhante ao sintoma na análise individual. O analisador é uma expressividade heterogênea em sua materialidade, que contém os elementos para disparar o processo de análise e pode ser espontâneo ou construído, ou seja, pode ocorrer ao acaso, um acontecimento, ou pode ser produzido intencionalmente pelo analista/pesquisador para problematizar algo no campo pesquisado (BAREMBLITT, 2002).

Os três recortes, apresentados a seguir, são pequenos ensaios desenvolvidos com algumas inquietações, alguns analisadores, que pretendem deslocar imagens e desenhos consolidados no trabalho da Casa dos Cata-Ventos. Aposta-se que sejam análises passíveis de serem transpostas, se interessar, para outros trabalhos com crianças, grupos vulneráveis e subalternizados.

### 3 | RECORTES

#### 3.1 O acompanhamento terapêutico e a comoção

O acompanhamento terapêutico, como prática clínica, vem sendo utilizado no trabalho da Casa dos Cata-Ventos quando alguma demanda específica leva a equipe a intensificar um cuidado para além dos plantões. Isso acontece quando a equipe já vem acompanhando uma criança nos turnos na Casa e, ao construir seu caso em equipe, no modo de um estudo longitudinal, percebe a demanda por uma maior proximidade com ela e sua família.

Historicamente, o AT surge em instituições psiquiátricas com a função de desinstitucionalizar pessoas por muitos anos afastadas do convívio social e da cultura da cidade. Várias experiências com este intuito, em projetos inovadores na Itália, na Argentina, no Brasil e na França, possibilitaram uma variedade muito grande, tanto de modalidades e referenciais teóricos como de público beneficiado com esta prática. Como elementos comuns no AT, há o vínculo entre acompanhante e a pessoa acompanhada, uma abertura do *setting* terapêutico (qualquer lugar, um lugar qualquer que abra condições de possibilidades de algo novo surgir) e um tempo variável, de acordo com as necessidades, situações e a contratação. É uma aposta numa clínica-acontecimento em contato com o *socius* (ARAÚJO, 2007).

Um caso foi acolhido no percurso desta pesquisa como demanda de AT e ganhou destaque nas reuniões que se seguiram. O AT iniciou com uma menina de doze anos, a Eva, que necessitava fazer psicoterapia em um local próximo, mas sua mãe tinha dificuldades para acompanhá-la e para sustentar a frequência semanal. O contrato de como se daria este acompanhamento era feito a cada semana. Após pouco mais de um mês, o AT com esta menina mostrou-se prescindível e decidimos por findá-lo. As conversas com a mãe, Jéssica, no entanto, antes e durante o AT, foram importantes

para manter o caráter processual da contratação e um vínculo mais próximo da Casa dos Cata-Ventos com esta família. Tanto que foi produzida uma demanda nova. A mãe manifestou interesse em manter a conversa com o acompanhante terapêutico, na modalidade de um encontro por mês na casa dela. Seu pedido foi acolhido por ele e pela equipe, visto a importância de cuidar da cuidadora. Cabe observar que essa mudança no contrato e na direção do trabalho do AT tornou-se possível por se tratar de uma pesquisa na qual o problema de pesquisa é construído na experiência com o campo. A abertura a encontros inimagináveis, aos acasos-acontecimentos, mostra-se como uma grande pista da afinidade entre os modos de fazer funcionar o Acompanhamento Terapêutico, a Casa dos Cata-Ventos e a Cartografia.

O trabalho deste AT, inicialmente com a Eva, foi pautado nas reuniões de discussão clínica por semanas consecutivas, tanto, e tantas vezes, que se tornou uma questão nesta pesquisa: por que esta família comovia tanto a equipe? Eis aqui um analisador. Um e-mail enviado à equipe tornou-se disparador de um deslocamento, tanto da posição da equipe em relação a esta família quanto daquela em relação ao pesquisador:

[...] ando pensando sobre minha pesquisa cartográfica, alguns deslocamentos feitos na análise processual da experiência de trabalhar COM a Casa dos Cata-Ventos. Destes, sou levado a questionar o lugar do caso Eva no trabalho clínico da Casa. O destaque, a **comoção** (grifo nosso) da equipe, o engajamento em ajudar a Eva e sua família na organização de suas vidas. É próprio da atenção o foco e o desfocamento, assim como o ver se dá concomitante ao não-ver. Portanto, a construção coletiva deste caso no modo como toma a atenção da equipe nas supervisões clínicas, nos relatos e no cotidiano do nosso trabalho pode estar (ou não) turvando o olhar a outras crianças. Pode ser que estejamos nos desimplicando na construção de outros casos e mesmo a uma diferenciação no modo de cuidar da Eva como mais uma das tantas crianças que frequentam a Casa. Digo isto sabendo que outros casos são pensados pela equipe e que beira a impossibilidade construir casos com todas as crianças que frequentam o espaço. Enfim, compreendendo a singularidade e a complexidade dos casos construídos na clínica vale pensar sobre o lugar que a Eva conquistou na equipe; assim como o lugar que a equipe construiu para o caso da Eva - apenas a título de reflexão, de problematização. (Texto extraído de e-mail enviado à equipe durante a pesquisa-intervenção, em julho de 2017).

Os efeitos deste e-mail foram marcantes, entretanto, na retomada do contrato desta pesquisa com a equipe, ocorreu uma certa atualização do lugar duplo de pesquisador e psicólogo. Também, funcionou como uma pista metodológica, acenando para um modo de produzir conhecimento com a equipe da Casa. Seria possível, assim, produzir e restituir saberes coletivos em relação ao trabalho e à pesquisa. A repercussão deste e-mail foi intensa na reunião seguinte, quando ele foi pautado abriu espaço para conversarmos, em especial, sobre a relação da equipe com a Eva e sua família.

Nesta reunião, depois de várias interpretações e comentários dos integrantes da equipe, acontece um pequeno desvio - uma nuance é produzida na discussão dessa

pauta. Foi problematizado um significante específico contido no relato compartilhado por e-mail, a palavra ‘comoção’. Uma psicanalista da equipe tomou este termo como problemático se realmente fosse empregado pela equipe. A comoção, disse ela, não pode conduzir as ações de um psicólogo e da equipe em relação a nenhum caso.

Comoção significa, de acordo com o dicionário (COMOÇÃO, 2018, s.p.) abalo, perturbação, enternecimento, pena, pesar. No entanto, na cena em questão, o sentido dado ao termo pela psicanalista na reunião, ao que pareceu indicar, foi o de um sentimento pesaroso, compaixão, pena, enternecimento. Neste sentido, a filosofia de Nietzsche (2016) alerta para o demasiado humano de subjetivações carregadas de um niilismo cristão, afeito às suas penúrias, miséria, dor e sofrimento. De modo que um tipo de valoração como esse, como uma moral dos escravos, dos sujeitos impedidos de agir e legislar a seu favor, promove uma inversão dos valores morais ao ser motivada pelo ressentimento. Assim, quando a força da vida impõe sua conservação e expansão, o niilista passivo, o cristão, todos os depreciadores da vida, erigem um ideal decadente de além-mundo que valoriza tudo o que diminui essa força e passam a valorizar todos os infortúnios que possam diminuir a potência da vida. A comoção, a pena, o pesar, a compaixão, são sentimentos valorizados pelos depreciadores da vida e, segundo Nietzsche:

[...] a compaixão está em oposição a todas as paixões tônicas que aumentam a intensidade do sentimento vital: tem ação depressora. O homem perde poder quando se compadece. Através da perda de força causada pela compaixão o sofrimento acaba por multiplicar-se. O sofrimento torna-se contagioso através da compaixão; sob certas circunstâncias pode levar a um total sacrifício da vida e da energia vital. (NIETZSCHE, 2016, p. 13).

Quem sabe, problematizar a atividade e a potência das vulnerabilidades na vida dessas crianças seja mais clínico, no sentido de provocar desvios, do que reafirmar as hierarquias tão dadas na relação de poder que “cuidar dos vulneráveis” impõe. Comover-se, compadecer-se, manter essa forma de dominação, é atuar na sustentação de práticas morais por meio de relações de submissões, subalternidades e tutelas que impedem que a força da vida se exerça.

Ainda, ações que têm por objetivo “cuidar dos vulneráveis” e, concomitantemente, controlar os riscos desta vulnerabilidade, podem estar envoltas em uma associação entre vulnerabilidade social e criminalidade. A oscilação entre vulnerabilidade e risco, entre vítimas e criminosos, entre apoio e preocupação, entre piedade e controle, não obstante, refere-se a uma polarização moral entre compaixão e repressão. Quem busca cuidar dos vulneráveis, como psicólogos e assistentes sociais, ao intervir nas mazelas sociais da marginalidade, pobreza e violência, não encontra crítica, pois a compaixão não tem inimigos. O uso político daquilo que simboliza “estar vivo” – compaixão, dor, sofrimento – funciona como recursos de subjetivação de um “*ethos* da compaixão”: trata-se de um empenho em aliviar o sofrimento, afastando o olhar das suas próprias causas (PUSSETI; BRAZZABENI, 2011).

As causas de um olhar comovido estão seguras de qualquer crítica, protegidas pelo manto humanitário de herança católica. Ao observar o sofrimento alheio, esquece-se de uma cumplicidade com as causas políticas, econômicas e sociais, cujos efeitos colocam lado a lado privilegiados e indigentes. A relação de poder assimétrica da solidariedade, expressa pelo sentimento de compaixão, consente e desarma qualquer crítica. Ela sustenta um lugar de inocência e impotência a todo aquele que se solidariza com o sofrimento do outro. Há uma desresponsabilização possível e desejável, quando se está comovido com a miséria, ao não reconhecer as vítimas como sujeitos ativos (PUSSETI, 2017).

Agora, voltando ao que aconteceu, a cena disparada a partir de um relato compartilhado por e-mail, quando um signifiante, a comoção, opera uma reflexão sobre a própria ética do trabalho da equipe. Esse acontecimento instaurou um espaço para o pensamento. Isso se deve, em parte, ao processo de restituição desta pesquisa ao compartilhar, por meio de relatos escritos, o trabalho realizado com o acompanhamento terapêutico. Compreende-se, com isso, a importância das supervisões clínicas, das discussões em equipe e dos estranhamentos estrangeiros para que haja condições de se pensar a ética nas práticas de quem trabalha com pessoas.

E, nos meses que se seguiram a essa reunião de supervisão clínica, essa família e o caso que se fez dela não foram mais tomados pela equipe do modo como era antes. Desde essa discussão, a problematização do modo comovente com que a equipe trabalhava com ela efetivou um deslocamento tal, que, às vezes, esse tema da comoção voltava como marca na equipe.

### 3.2 A Invenção de uma Intimidade

Com a perspectiva cartográfica, que privilegia o acompanhamento de processos, alguns conceitos foram chamados e postos para operar no pesquisar e no intervir durante o trabalho de acompanhamento terapêutico (AT) da Jéssica: o sigilo, o testemunho, a restituição, a confiança, a análise do desejo. Cabe agora um reconhecimento desses conceitos como intercessores do processo de pesquisa e intervenção, numa aliança entre a produção clínica do AT e um agenciamento filosófico.

Intercessores, para Deleuze (1992), são forças externas que fazem com que o pensamento saia de sua imobilidade, ou melhor, intercessores são a condição para a emergência do próprio pensamento. Eles atuam como aliados na produção da diferença.

Durante as andanças do AT, após alguns meses de acompanhamento e com um vínculo de confiança bem consolidado, a Jéssica compartilhou histórias pessoais que nunca foram ditas a ninguém, segredos que ela manteve consigo durante décadas. Essas vivências marcantes, algumas da ordem do traumático, nunca puderam ser ditas, nem a familiares, nem a pessoas com quem ela construiu relações de amizade. Ficou a questão de como o indizível de uma experiência, em dado momento e em dada relação, consegue suporte para transpor o silêncio.

A partir do dia em que se escutou os segredos íntimos da Jéssica, houve uma impossibilidade de escrever um relato e compartilhá-lo com a equipe. Antes desses acontecimentos, a cada AT era escrito um relato, que era compartilhado para que algumas informações permanecessem com a equipe após o fim desta pesquisa. No entanto, com esses testemunhos do traumático e da intimidade da Jéssica, o sigilo entrou em questão, pois adentrávamos no território da psicoterapia. O sigilo, de acordo com Despret (2011a), por vezes, pode funcionar mais como uma proteção do analista do que o analisando. O dilema da cumplicidade acomete tanto um como outro, quem fala e quem escuta. O segredo produz tanto a intimidade como uma separação dos sentimentos e emoções, algo apartado do mundo, uma interioridade, como produz ao mesmo tempo, a legitimidade e sua especificidade a quem escuta, o profissional da psique. O sigilo, enquanto segredo, separa o que pode ou não ser compartilhado com o restante da equipe.

E isto é outro aspecto do saber fundado sobre a prática do íntimo e do segredo: é um saber privado, de qualquer modo, que protege, ele também, da obrigação de prestar contas às outras pessoas interessadas pelo caso. O segredo, portanto, organiza não somente o que é público e o que é privado acerca do paciente; ele organiza aquilo que separa, mas produz a mesma organização na prática do profissional. É mesmo, pelo contrário, o que ele sustenta: aquilo que constrói o espaço “separado” do profissional na organização das profissões fabrica o espaço íntimo do paciente em terapia. (DESPRET, 2011a, p. 15).

O segredo não é produto da intimidade, mas seria, nessa perspectiva, o segredo que fabrica a intimidade. O sigilo e o segredo são, portanto, o que separa as coisas das quais se pode sentir orgulho daquelas que geram vergonha, privilegiando as últimas no espaço privado (DESPRET, 2011b).

Algo que não era visto como segredo pela equipe era a manutenção de relações de subalternidade de Jéssica com sua família, irmãs, ex-marido, entre outras. Em uma das conversas andarilhas, por exemplo, na medida em que ela estava ali, numa relação de confiança com o psicólogo, foi possível, e talvez necessário, fazer um comentário acerca do que estava sendo escutado. No relato do seu novo enamoramento, testemunhava-se mais uma submissão, e foi preciso manifestar algo sobre isso. Como uma interferência no discurso dela, o comentário, relatado a seguir, funcionou como uma restituição, um espelhamento e também um convite ao pensamento.

Questiono onde está seu desejo, pois ao que parece este é mais um homem como o pai de suas filhas e o ex-namorado, que mandaram nela e na sua vida. “São homens machistas à moda antiga, as mulheres mudaram muito de uns tempos para cá, estão mais empoderadas, sabem dizer o que querem e o que não querem”. Em certo momento da caminhada, parece que a toquei com um ditado popular: “Não se mexe em time que está ganhando”, me referindo a manterem a relação somente no virtual, sem contato real. Digo isto dando legitimidade ao sentimento e porque os dois estão tendo ganhos egóicos e prazer com esta relação. (Relato do AT, em novembro de 2017).

A restituição, a partir da perspectiva da análise institucional, pode se dar na forma de problematizações compartilhadas, ainda que parciais, no processo de análise e intervenção. São, por vezes, comentários ou respostas que se seguem logo após o que é escutado, ao que é sentido. Pode-se operar em ato uma ‘função-espelho’, como se diz em psicoterapia. Restitui-se aquilo que se escuta, às vezes, com a enunciação de algumas palavras, alguns sentimentos que emergiram no processo de acompanhamento. Às vezes, restitui-se ao analisando, mesmo sem dizer nada, pois a postura e os gestos do pesquisador já explicitam seus estranhamentos, cumplicidades e outros afetos que podem ser produzidos no encontro (LOURAU, 1993).

A maternidade nunca foi uma questão fácil para Jéssica, conforme relatos da equipe da Casa dos Cata-Ventos, que a conhece desde a fundação do espaço na Vila. As filhas da Jéssica frequentam a escola e os espaços terapêuticos, principalmente porque o Conselho Tutelar pode tirar-lhes de casa, por meio de uma ação extrema. Por várias vezes, durante esse um ano e meio de acompanhamento, foram vistas as discontinuidades quanto à manutenção do vínculo com as instituições assistenciais e educacionais. As retomadas acontecem após prescrições da assistência ou condicionantes judiciais, sem os quais, parece que dificilmente haveria uma sustentação por vontade própria. O medo de perder o benefício do Programa Bolsa-família e a guarda das filhas conduz a Jéssica sem que ela consiga contestar ou afirmar-se enquanto cidadã e sujeito de direitos.

As relações entre Jéssica e as políticas públicas reproduziam, em grande parte, suas relações com familiares, com suas paixões e com o trabalho. Corria-se o risco de reproduzir, da mesma forma, essas relações de poder com o AT. A invenção de um espaço separado entre público e privado, a partir do sigilo instituído na relação psicoterapêutica, poderia tanto reafirmar sua subalternidade como reorganizar os fluxos de desejo e agenciar aqueles que aumentam sua potência de agir no social. Com o testemunho de segredos instaurou-se um problema que transitou sobre o risco de uma reterritorialização das relações de poder familiares e edípicas, e também de uma desterritorialização tal, que os afetos não teriam lugar além da angústia. Conquanto, talvez o *setting* aberto do AT tenha viabilizado a instituição de uma outra relação, uma cumplicidade frente à vida pública, na qual agir não significa reagir, nem obedecer. Uma aposta no gesto e na palavra sustentou a operação de uma clínica em movimento, ao afirmar o desejo como expressão da vida, sem descolá-lo do social (LOBOSQUE, 2003).

Resistindo às capturas totalizantes do seu Ser, as relações de dominação, de apropriação do seu corpo e sua intimidade, assistimos juntos à vida perder velhos sentidos quando foi possível narrá-la de outras formas. A relação de cumplicidade que o AT proporciona no espaço público da cidade viabiliza um espaço onde a liberdade e o risco podem ser compartilhados nos passeios por ruas e praças, com uma ética pautada por uma política da amizade. Ao colocar a sua diferença em contato com o *socius* invoca-se um novo direito relacional e a integração de singulares modos de

vida na cidade (ARAÚJO, 2007).

A construção de uma relação de confiança possibilitou o testemunho de vivências nunca narradas, sentimentos nunca ditos e a invenção de uma intimidade. Esta produção, por meio do exercício de reinventar-se numa relação íntima com o finito ilimitado, muitas vezes, só é possível de se fazer acompanhado. Cartografar as estratégias que o desejo monta, para sabotar e resistir a essa intimidade e suportar a criação de um outro plano de consistência, é tarefa a ser repetida até saber/sentir que é possível conviver com isso, sem recorrer aos velhos vícios. Numa sensibilidade à desterritorialização, a análise do desejo acaba sendo, necessariamente, uma análise de suas linhas de fuga, linhas esquizo por onde se desmancham os territórios: uma esquizoanálise (ROLNIK, 2011).

A forma que este acompanhamento terapêutico tomou no seu percurso aproximase de uma psicoterapia, visto a relação transferencial e seus efeitos, mas com o seu *setting* analítico diluído na cidade. O que, no início, foi um singelo pedido para conversar com o psicólogo uma vez por mês, transformou-se, com o passar dos meses, em uma demanda de análise do desejo: os seus movimentos ao encontro de sua sexualidade, o querer namorar, a subalternidade, os sentimentos ambíguos da maternidade e em relação à sua família e outros mais. Coube aos dois inventarem como seria essa análise.

### 3.3 Polícia, bandido, simulacros

O brincar na Casa dos Cata-Ventos é ação séria. Sustenta-se que nas brincadeiras são encenados pelas crianças seus dramas e dilemas. É como se a Casa fosse um palco, um plano de organização para cenas e afetos sem lugar.

Notadamente, a brincadeira que mais se repete, nos turnos em que abrimos a Casa para as crianças brincarem, é 'Polícia e Ladrão'. Nem sempre da mesma forma, mas em geral, é um pega-pega caótico, onde quem foge é ladrão e quem abusa, é policial: "Mão na cabeça! Contra a parede! Abre as pernas! Deixa eu ver o que tu tem aí!". São palavras de ordem que são repetidas como se todos ali tentassem entender como é possível uma coerção tamanha, violências e abusos de poder, com as pessoas que moram na Vila.

Aconteceu que, numa manhã ensolarada, as crianças entraram na Casa e interessaram-se em sentar e desenhar sobre folhas em branco. Utilizaram lápis preto, canetas esferográficas e hidrocor, mas também experimentaram tesouras. Eram cerca de quatro crianças e três adultos desenhando e recortando pássaros, casas, bichinhos e outros desenhos, como se estivessem em uma aula livre de artes. Conversava-se ao redor da mesa sobre amenidades e a vida e, de repente, chegam mais dois meninos, de modo agitado vão dizendo que querem brincar de polícia e ladrão. As crianças que estavam sentadas mostram interesse, mas sem largar os papéis das mãos, dizem que irão fazer as notas de dinheiro. Começa-se, a partir de uma linha de fuga, a

manufatura de notas de dinheiro: desenha-se um retângulo e dentro dele algumas letras e números, recorta-se e pronto, temos mais uma cédula para ser roubada.

Enquanto a linha de montagem de dinheiro seguia seu ofício, íamos conversando: “Quem vai ser policial? Quem será ladrão? Quanto dinheiro precisa ser feito?”. Estava instaurado um espaço no qual a palavra substituiu a brincadeira, muitas vezes repetida sem espaço de elaboração, *nonsense*, correr, correr, pegar, fugir. Durante algum tempo, ninguém correu, ninguém encenou ‘polícia e ladrão’. Não houve um tiro sequer. Apenas desenhávamos, recortávamos e conversávamos. O planejamento da brincadeira sustentou a prevalência da palavra na construção de sentidos. Presentemente, acompanhava-se a produção dos efeitos esperados pelo dispositivo Casa dos Cata-Ventos.

Depois desse tempo de instauração, de planejamento, de conversação e de colaboração, não houve a correria própria da brincadeira de ‘polícia e ladrão’. Quando já havia uma quantidade considerável de notas de dinheiro, algumas crianças se interessaram pelo futebol de botão, outras seguiram desenhando e recortando outros objetos e outras foram brincar na cozinha de brincadeira. De um certo modo, pode-se inferir, a partir da teoria do desenvolvimento moral de Jean Piaget (1994), que naquele momento do jogo a autonomia se sobrepunha à heteronomia. Ou seja, quando a instituição de regras passa dos outros para as crianças mesmas, ao ponto que, como se vê na adultez, tem mais satisfação a discussão das regras do que o próprio jogar.

Notou-se também o lugar dado aos adultos na planejada brincadeira de polícia e ladrão. Os adultos seriam os bandidos e as crianças, os policiais. Colocavam-se em palavras os diferentes lugares da infância e da adultez, enquanto operava-se, ao mesmo tempo, uma inversão nas relações de poder. As crianças representariam, na suposta brincadeira, os agentes da lei, enquanto os ‘profes’ seriam os que roubariam o dinheiro e fugiriam das consequências da lei. De uma certa maneira, pode-se dizer que as crianças da Vila São Pedro são duplamente oprimidas, enquanto moradoras da Vila, pela violência do Estado, e enquanto crianças, pelo exercício do poder pelos adultos. E, numa visão freiriana (de Paulo Freire), compreende-se a linha dura na qual o oprimido sonha em se tornar o opressor, e que é difícil educar as crianças com essa dureza tão cristalizada na sociedade. Como sair do círculo da violência contaminado pelo bacilo da vingança? Assim, nessa linha, será que essas crianças preferiram ser policiais para experimentar o lugar do opressor? Será que experimentam o lugar do outro para gozar a autoria da violência com as chancelas da lei?

Percebe-se o quão difícil deve ser para essas crianças conciliarem infância, adultez, lei e violência, quando os representantes da lei, adultos e policiais, também são autores de barbáries por meio da violência e do abuso de autoridade; quando os opressores também são oprimidos e vice-versa; quando os que defendem as leis também desrespeitam direitos sustentados por elas. A situação paradoxal remete a um caos. Quem representa o quê?

Representação aqui, para as crianças, deve ser um conceito distante daquele

derivado da boa semelhança platônica. Os simulacros são a mais dura realidade e, talvez, na perspectiva deleuziana, sua redenção. Para Platão, na divisão entre essência e aparência haveria as boas cópias (cópias ícones) e os simulacros (cópias más ou perversas). Para Deleuze, trata-se de afirmar que “o simulacro não é uma cópia degradada, ele encerra uma potência positiva que nega tanto o original como a cópia, tanto o modelo quanto a representação” (DELEUZE, 2011, p. 267). Visto desse modo, a representação da lei, seja pelos adultos, seja pelos policiais, não é questão de degenerescência do ideal quando estes mesmos exercem a violência e o abuso de autoridade – não há representação, não há ideal, não há modelo, não há simulação. Os policiais, os adultos e as crianças não encerram em si a representação de uma unidade totalizadora, pois na multiplicidade das situações e dos autores das ações eles podem tornar-se outros e distintos do que é dito sobre eles. As histórias narradas não expressam a Verdade absoluta, mas sentidos possíveis do que se passa no tempo presente.

No crepúsculo das imagens-ídolos afirma-se a potência do mundo e a si mesmo como diferença pura. As crianças não precisariam, assim, escolher entre policial ou bandido como se estes encerrassem em si mesmos a representação da lei e de sua degenerescência, como se fossem boas ou más cópias de ideais, de modelos, de personagens da História. Quando a brincadeira não representa a realidade, ela mesma se torna realidade. Quando as palavras se tornam brincadeira, elas também se tornam realidade e podem construir simulacros além e/ou aquém de modelos ideais e representações.

#### 4 | ÓCULOS DE PAPEL

Os óculos de papel são uma alusão a uma brincadeira que surgiu com as crianças na Casa. Aposta-se que com eles, através de suas lentes polidas espinosamente, pode-se ver aqui alguns detalhes potentes dos encontros no processo de pesquisar e intervir, aquilo que aumenta a potência de ser e agir, de fazer e de saber.

Após um ano trabalhando junto da equipe da Casa dos Cata-Ventos, muito material poderia ser colocado em análise, visto que foram muitas as intervenções e afecções. Em relação ao trabalho com o AT, este teve um destaque, na medida em que se produziram muitos dados sobre o campo, a Vila São Pedro e a Casa dos Cata-Ventos, e também sobre outras relações destes com os atravessamentos institucionais, as linhas de subjetivação, aspectos do dispositivo clínico e a implicação do pesquisador. A alteridade experimentada no acompanhamento da Jéssica, nas conversas e na confiança de seus segredos atraiu, de alguma forma, o olhar e a escuta no ato de pesquisar.

O AT com a Jéssica e suas filhas produziu tanto deslocamentos na vida delas como no pesquisador e na equipe da Casa dos Cata-Ventos. Como já exposto nos

recortes 3.1 e 3.2, o estilhaçamento da imagem que a equipe tinha da Jéssica e a sua maternidade foi um efeito importante para a compreensão de algumas cenas e a invenção de outras estratégias de aproximação com as mães das crianças que frequentam a Casa. Ou, ainda, o deslocamento do lugar da Eva em relação à equipe foi mais um efeito notável ao questionar, com o trabalho de AT, a comoção com a qual seu caso era tomado. Os óculos de papel permitiram ver melhor algumas tramas da relação familiar e da relação profissional da equipe da Casa com esta família e com o pesquisador.

Durante o percurso da pesquisa, foram encontrados vestígios de movimentos instituintes a partir de pequenos gestos, pequenos desvios das linhas duras da representação. O recorte 3.3 traz a imagem de um desses deslocamentos clínicos na brincadeira de catar outras expressividades na experiência do brincar.

A cartografia realizada com a equipe da Casa dos Cata-Ventos e também com as crianças da Vila São Pedro, enquanto experiência coletiva, deixou evidente a importância da generosidade e da amizade em relação aos processos de pesquisa e intervenção. Este empreendimento não seria possível sem a confiança da coordenação do projeto e sem a confiança da equipe e das crianças. Tudo indica que uma produção de conhecimento que não coloca seus parceiros como objetos de pesquisa, mas como parceiros realmente, compartilha da mesma dignidade ontológica com que lida com eles. Um sentimento de gratidão acompanha a satisfação desta produção de conhecimento. Os óculos de papel fazem rir, não pela sua inutilidade, mas pela alegria da construção coletiva de uma diferença.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Fábio. **Um passeio esquivo pelo acompanhamento terapêutico**: dos especialismos à política da amizade. Niterói, RJ: Editora eletrônica, 2007.

BAREMBLITT, Gregório. **Compêndio de análise institucional e outras correntes**. 5. ed. Belo Horizonte, MG: Instituto Félix Guattari, 2002.

BENEVIDES DE BARROS, Regina; PASSOS, Eduardo. Clínica e biopolítica na experiência do contemporâneo. **Revista de Psicologia Clínica PUC/SP**, v. 13, n. 1, p. 89-100, 2001.

COMOÇÃO. In: DICIONÁRIO da Língua Portuguesa. Lisboa: **Priberam** Informática, 2018. Disponível em : <<https://www.priberam.pt/dlpo/como%C3%A7%C3%A3o>>. Acesso em 15 ago. 2018.

DELEUZE, Gilles. Os Intercessores. In: \_\_\_\_\_. **Conversações**. Tradução de: Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992. p. 151-168.

\_\_\_\_\_. **Lógica do sentido**. Tradução de: Luiz Roberto Salinas Fortes. São Paulo: Perspectiva, 2011.

DESPRET, Vinciane. Leitura Etnopsicológica do segredo, Dossiê Despret. **Revista Fractal de Psicologia**, Rio de Janeiro, UFF, v. 23, n. 1 p. 5-28, jan./abr. 2011a. Tradução de: Carlos Alberto Marconi da Costa.

\_\_\_\_\_. Os dispositivos experimentais. **Fractal Revista de Psicologia**, Rio de Janeiro, UFF, v. 23, n. 1, p. 43-58, 2011b. Tradução de: Carlos Alberto Marconi da Costa.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980. 1. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

GAGEIRO, Ana Maria; TAVARES, Eda Estevanell; ALMEIDA, Renata Maria Conte de; TOROSSIAN, Sandra Djambolakdjian. Casa dos Cata-Ventos – uma estratégia clínica e política na atenção à infância. **Correio da APPOA**, n. 247, 2015. Disponível em: <[http://www.apboa.com.br/correio/edicao/247/casa\\_dos\\_cata\\_ventos\\_uma\\_estrategia\\_clinica\\_e\\_politica\\_na\\_atencao\\_a\\_infancia/226](http://www.apboa.com.br/correio/edicao/247/casa_dos_cata_ventos_uma_estrategia_clinica_e_politica_na_atencao_a_infancia/226)>. Acesso em: 6 jul. 2018.

KESSLER, Helena Pillar. **O balanço e o tempo**: a escrita da experiência na Casa dos Cata-Ventos. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicanálise: Clínica e Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2017.

LIMA, Beatriz de Souza. Casa da árvore, um lugar para brincar e conversar: uma proposta de atendimento coletivo para crianças de zero a doze anos em comunidades carentes do Rio de Janeiro e Niterói. **Estudos de Psicanálise**, Belo Horizonte, n. 33, p. 33-48, jul. 2010. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-34372010000100004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-34372010000100004&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 6 jul. 2018.

LOBOSQUE, Ana Marta. **Clínica em movimento**: por uma sociedade sem manicômios. Rio de Janeiro: Garamond, 2003.

LOURAU, René. **René Lourau na UERJ – Análise Institucional e Práticas de Pesquisa**. Rio de Janeiro: Eduerj, 1993.

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **O Anticristo**: maldição ao cristianismo: Ditirambos de Dionísio. Tradução, notas e posfácio: Paulo César de Souza. 1. ed. São Paulo: Companhia de Bolso, 2016.

PASSOS, Eduardo; BENEVIDES DE BARROS, Regina. **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre: Sulina, 2010.

PEDROSO, Anderson Beltrame. **A Casa dos Cata-Ventos**: variações sobre o futuro, a inutilidade e a sede. 2013. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2013.

PIAGET, Jean. **O juízo moral na criança**. 2. ed. Tradução de: Elzon Leonardon. São Paulo: Summus, 1932/1994.

PUSSETI, Chiara. O silêncio dos inocentes – os paradoxos do assistencialismo e os mártires do Mediterrâneo. **Interface**, Botucatu, v. 21, n. 61, p. 263-72, 2017. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/icse/v21n61/1414-3283-icse-21-61-0263.pdf>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

\_\_\_\_\_; BRAZZABENI, Micol. Sofrimento social: idiomas da exclusão e políticas do assistencialismo. **Dossiê: Vivenciar o sofrimento social: suas ambiguidades e articulações**, v. 15, n. 3, p. 467-478, 2011. Disponível em: <<http://journals.openedition.org/etnografica/1036>>. Acesso em: 6 jul. 2018.

ROCHA, Marina Gregianin. **Contar histórias na Casa dos Cata-Ventos: leitura e escrita em cena**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Programa de Pós-Graduação Psicanálise: Clínica e Cultura, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2018.

RODRIGUES, Marina Rocha. **Olhar, Rachar, Narrar**: cenas de um pesquisar em encontros. 2017. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Social e Institucional, Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS, Porto Alegre, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. Porto Alegre: Sulina; Editora da UFRGS, 2011.

ROOS, Renata Amélia; MARASCHIN, Cleci; COSTA, Luciano Bedin da. A escritura como dispositivo clínico. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 27, n. 2, p. 39-61, 2015. Disponível em: <<http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=291044011003>>. Acesso em: 6 jul. 2018

Agência Brasileira do ISBN  
ISBN 978-85-7247-017-9

